



Cidadania fortalecida



Fiocruz participa do programa Brasil sem Miséria com ações no semiárido e projetos de teses



iel à sua tradição de estudar os problemas sociais e propor soluções, a Fiocruz está plenamente engajada no programa

Brasil sem Miséria, do governo federal. Para o vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da instituição, Valcler Rangel, que coordena o Comitê de Integração Estratégica da Fiocruz para o Brasil sem Miséria, a cooperação firmada entre a Fundação e o Ministério do Desenvolvimento Social e as parcerias com o Ministério da Saúde são iniciativas estratégicas para a condução das ações voltadas para o plano. Além de projetos voltados para o semiárido nordestino, outra das vertentes do Brasil sem Miséria na Fiocruz é a concessão, por meio de parceria com a Capes, de bolsas de doutorado e pós-doutorado para pesquisadores que tenham trabalhos socialmente relevantes no campo das políticas públicas e que se coadunem com os objetivos do Brasil sem Miséria, como lembra a vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Nisia Lima. Ela adianta que em 2013 será realizado um seminário com a apresentação de todos os projetos de teses relacionados ao programa.

“A Fiocruz tem, no seu DNA, a vocação de contribuir com a redução das desigualdades no Brasil e isto vem se dando por meio da realização de pesquisas, atividades de ensino, serviços, na produção de imunobiológicos, medicamentos e no desenvolvimento de tecnologias para a saúde. O objetivo de eliminação da pobreza extrema, previsto no Brasil sem Miséria, pôs para a instituição o desafio de apresentar contribuições geradas nas suas diversas atividades, concentrando a atenção na geração de conhecimento e na construção de projeto dirigidos as populações e territórios em que pobreza extrema se apresenta como foco”, afirma Rangel. Ele ressalta a necessidade de se cuidar das doenças negligenciadas com educação para a saúde, saneamento, controle de vetores e ações de assistência à saúde, e destaca o

papel da Fundação no desenvolvimento dos municípios do Nordeste, onde está a maior parte da população em situação de miséria.

O semiárido, especificamente, é um dos focos da Fiocruz. Contribuir para que populações de municípios afetados pela seca tenham acesso a água potável é uma das prioridades da cooperação técnico-científica firmada entre a Fiocruz e a Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A cooperação tem como objetivo central aproveitar a experiência da Fiocruz em educação e desenvolvimento científico e tecnológico para qualificar e ampliar as ações de saúde ambiental da Funasa. Com o intuito de estimular o desenvolvimento das comunidades, a parceria enfoca os problemas que mais as afetam, como desastres naturais e falta de acesso à água em quantidade e qualidade.

Água boa no semiárido

Uma das ações da cooperação entre as duas fundações do Ministério da Saúde se integra ao programa Água para Todos, coordenado pelo Ministério da Integração, dentro do plano Brasil sem Miséria. O objetivo do programa é garantir o amplo acesso à água às populações rurais dispersas e em situação de extrema pobreza, tanto para consumo próprio como para a produção de alimentos e a criação de animais. Cerca de 700 mil cisternas já foram construídas em 1.136 municípios, mas ainda há muitos problemas relacionados à potabilidade da água. O monitoramento da qualidade da água é responsabilidade da Funasa. Para isso, ela precisa capacitar muita gente e é nesse ponto que a Fiocruz se faz presente, contando com a experiência da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) em tecnologias de formação de agentes comunitários e o apoio das unidades regionais.

A cooperação prevê a formação de 50 mil agentes comunitários de saúde nos nove estados do semiárido (oito do Nordeste e Minas Gerais). A estratégia consiste em formar agentes multi-

plicadores: inicialmente, serão formados cerca de 50 técnicos da Funasa, dos programas estaduais de vigilância ambiental e das escolas técnicas de saúde estaduais. Serão em média cinco agentes formados em cada estado, que transmitirão os conhecimentos e práticas o que aprenderam a cerca de 2,5 mil agentes municipais de saúde, que, por sua vez, multiplicarão o aprendizado a cerca de 50 mil agentes comunitários – pessoas que moram nas comunidades e fazem a interlocução entre as equipes de saúde e a comunidade.

Além de observar fatores de risco e monitorar a saúde dos moradores, os agentes comunitários darão orientações sobre os cuidados necessários para evitar a contaminação da água. Por exemplo, nos primeiros 15 minutos de chuva, se a cisterna não tem um dispositivo de descarte, é aconselhável desconectar a tubulação e escoar a água em um balde, para usar na irrigação ou outros fins não-domésticos. A tubulação só deve ser reconectada quando a água estiver translúcida. E mesmo esta água deverá ser clorada ou fervida antes do consumo.

Impacto das obras do São Francisco

Outra questão que na agenda da Fiocruz que deverá abarcar a Funasa é a análise do impacto das obras do projeto de integração do Rio São Francisco com bacias hidrográficas do nordeste setentrional, que levará água a diversos pontos dos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte e prevê a construção de estações de bombeamento, reservatórios, canais e aquedutos. A Fiocruz analisará os impactos socioambientais, nos processos produtivos, nas condições de saúde e situações de violência e vulnerabilidades das populações em cinco municípios.

De acordo com Rangel, o projeto precisa ser monitorado em seus impactos positivos e negativos, principalmente sobre a população abaixo da linha da pobreza que habita a região. “Na agricultura, por exemplo, haverá conse-



► Uma das metas do convênio com a Funasa é capacitar agentes de saúde

quências benéficas e outras indesejáveis, por ser uma agricultura já muito dependente de agrotóxicos”, diz. Ele ressalta que a cooperação Fiocruz-Funasa poderá qualificar agentes comunitários de saúde para dinamizar a criatividade das populações locais, que vivem em condições adversas, para buscar respostas aos problemas sociais. “Queremos utilizar o conceito de desenvolvimento de tecnologias sociais por organizações das próprias comunidades no enfrentamento da pobreza. Só se enfrentam os problemas com um forte diálogo com a população”, afirma.

Prevenção e resposta a desastres

Outro ponto previsto na cooperação é a estruturação da Funasa para atuação em situações de desastres, tanto com ações de prevenção como de resposta. Segundo Rangel, a meta

é estruturar 26 núcleos em unidades estaduais da Funasa, alinhados às políticas nacional e regionais, e criar 11 escolas técnicas do SUS no semiárido, por meio da Rede de Escolas Técnicas do SUS (RET-SUS).

Para ajudar na preparação dos agentes comunitários de saúde em territórios vulneráveis, a Fiocruz conta com os pesquisadores do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes) e das suas unidades no Ceará, Pernambuco, Bahia e Piauí. “O Brasil está se preparando de uma forma geral para o enfrentamento a situações de desastres naturais, como enchentes e desabamentos. Nesse esforço nacional, a Funasa também colocou a questão na sua agenda”, afirma Rangel.

Gestão em saúde ambiental e construção de redes

A cooperação prevê ainda a capacitação técnica de gestores da Funasa em saúde e saneamento. A qualificação será feita pela Escola de Governo e Saúde da Fiocruz Brasília. Em outubro será iniciada a pós-graduação *lato sensu* (especialização) em gestão em saúde ambiental e em 2013 o mestrado profissional a distância. Por fim, a cooperação dará apoio à construção e coordenação de ações de rede. Rangel explica que tanto a Fiocruz quanto a Funasa são um conjunto de estruturas (unidades ou escritórios) que às vezes atuam de maneira fragmentada. “A ideia é reduzir esta fragmentação através de um conceito atual de gestão em rede que perpassa áreas. Para isso, estamos qualificando profissionais de Tecnologia de Informação e especialistas em rede”, informa.

Para Rangel, as missões da Fiocruz e da Funasa se complementam no esforço concentrado ao combate à extrema pobreza, e por isso a cooperação entre as instituições é fundamental



para o país: “Ambas são fundações com presença importante no plano nacional. A Funasa tem escritórios em todos os estados brasileiros e soma quase 9 mil servidores públicos no país; a Fiocruz, presente em 11 estados e com cooperações em todos os demais, tem 5 mil estatutários e cerca de 11 mil colaboradores. A Funasa tem atuação histórica de intervenção efetiva em saneamento e saúde ambiental e, no passado, também em saúde indígena, enquanto a Fiocruz tem um compromisso histórico com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em prol da saúde pública. No plano Brasil Sem Miséria, as atuações se complementam”.

Bolsas

A vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Nísia Lima, afirma que todos os bolsistas do convênio com a Capes contribuirão com subsídios para o Brasil sem Miséria.

“O público-alvo que queremos atingir é o de pessoas em situação de miséria. Os trabalhos são avaliados em função do que podem trazer de inovador para as políticas públicas do setor, reforçando as tecnologias sociais para combater a exclusão, a desigualdade e também as doenças negligenciadas” Ela também cita experiências que a instituição já promove em lugares como Sobradinho (DF), Salvador e Recife – a partir da ação das unidades regionais da Fundação nesses locais – e ainda o projeto Território Integrado de Atenção à Saúde (Teias-Manguinhos), coordenado pela Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) no bairro em que está situada a sede da Fundação, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Por meio do projeto, a Fiocruz gerencia as atividades e serviços de saúde da rede assistencial básica da localidade, uma das mais carentes do município. “A transferência de renda é fundamental, mas o acesso à saúde também é”, diz Nísia, que cita o livro *Cartas ao presi-*

dente Lula, lançado recentemente, que reúne cartas de brasileiros pobres enviados ao ex-dirigente. Nas correspondências, esses brasileiros reclamam cidadania e acesso a serviços públicos.

Pela parceria com a Capes, podem ser contemplados até 100 projetos de doutorado e 25 de pós-doutorado. Alguns já estão em curso e os demais devem começar no início de 2013. Entre as teses estão, por exemplo, uma que avalia as leishmanioses em comunidades inseridas em uma área de preservação ambiental do Parque Estadual da Serra da Tiririca, no Rio de Janeiro, outra que analisa a participação pública em um programa de monitoramento biológico para a gestão de águas em um assentamento rural e o estudo da ocorrência de toxoplasmose congênita e do acompanhamento sorológico das gestantes, aliada à implantação de medidas de prevenção primária nos programas de pré-natal da rede pública, entre outros temas com nítido enfoque social.